

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 007 **25/02/2008** - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (25/02/08)	Recortes
<p><b>GRÃOS</b> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca<sup>1</sup> - R\$ 150,00-175,00 / sc de 60 kg</p> <p>Milho<sup>2</sup> - R\$ 22,00 / sc de 60 kg</p> <p>Soja<sup>2</sup> - R\$ 44,00 / sc de 60 kg</p> <p><b>HORTALIÇAS</b><sup>3</sup> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 6,00 / cx de 7 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 13,00/ cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 12,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,40 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor - R\$ 22,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 10,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - R\$ 6,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)</p> <p>Pimentão - Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 9,00 / cx 12 kg</p> <p>Quiabo - R\$ 9,00 / cx 12 a 14 kg</p> <p>Repolho - R\$ 12,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 15,00 / cx 20 kg</p> <p><b>FRUTICULTURA</b><sup>3</sup> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 20,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 1,00 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - R\$ 18,00 / cx 20 kg</p> <p>Limão - R\$ 5,00 / cx 20 kg</p> <p><b>PECUÁRIA</b></p> <p><b>Bovino</b></p> <p>Arroba<sup>4</sup> - R\$ 64,00 <b>Não Rastreado</b> e R\$ 67,00 <b>Rastreado</b></p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelrados)<sup>5</sup></p> <p>- R\$ 400,00 a 420,00</p> <p><b>Leite</b></p> <p>Litro<sup>6</sup> - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,65</p> <p><b>Suíno</b><sup>7</sup> - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,80</p> <p><b>Aves</b><sup>7</sup> - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,62</p> <p>-- Galinha Caipira<sup>8</sup></p> <p>Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00</p> <p><b>Carneiro</b><sup>9</sup></p> <p>Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80</p> <p><b>Peixe</b><sup>10</sup> (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Kg - R\$ 2,50</p> <p><b>Avestruz</b><sup>11</sup> - vivo</p> <p>Kg - R\$ 4,00 a 5,00</p>	<p><b>Estoque de cereais é o mais baixo em 25 anos</b></p> <p>Estudo divulgado ontem pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) aponta que os estoques mundiais de cereais recuam neste ano ao mais baixo patamar em décadas. No caso do milho e do arroz, o volume deve ser o menor em 25 anos. No trigo, o mais baixo em 30 anos. Ao todo, a previsão indica 406,3 milhões de toneladas estocadas para 2008. Há cinco anos, eram 486,3 milhões. Pronto para uma colheita recorde, o Brasil pode se beneficiar desse cenário.</p> <p><b>Fonte: Folha de São Paulo</b></p> <p><b>Pecuarista e frigorífico travam queda-de-braço sobre preços</b></p> <p>Há uma guerra surda entre pecuaristas e frigoríficos pelos preços do boi. De acordo com analistas de mercado, chega a haver até três tipos de cotações em praças diferentes, por conta da exigência da rastreabilidade para exportar para alguns mercados. O gado rastreado chega a valer R\$ 2,00 ou R\$ 3,00 a mais por arroba.</p> <p><b>Fonte: Diário do Comércio e Indústria</b></p> <p><b>País consumirá 18 bilhões de litros de etanol no ano</b></p> <p>Com demanda interna em expansão e bons preços para o açúcar, o mercado alcooleiro vai pender para o equilíbrio em relação à oferta na próxima safra, segundo analistas. Depois de ter atingido quase 15 bilhões de litros em 2007, o consumo interno de álcool no Brasil deve se expandir em mais 3 bilhões em 2008 atingindo algo próximo de 18 bilhões de litros no ano. "A tendência é que produção de açúcar seja maximizada e a de álcool, acompanhe o crescimento da demanda", diz Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagência.</p> <p><b>Fonte: Gazeta Mercantil</b></p> <p><b>Transgênicos chegam aos supermercados</b></p> <p>Nas prateleiras dos supermercados do Distrito Federal já é possível encontrar produtos que trazem no rótulo informações sobre a presença de organismos geneticamente modificados. A novidade é a prova de que a indústria vem, aos poucos, se adaptando à legislação brasileira. Duas das mais famosas marcas de óleo de soja à venda no mercado local, Soya e Liza, fazem alertas em suas embalagens. Com isso, o consumidor passa a ter melhores condições de decidir se quer ou não levar para casa alimentos transgênicos.</p> <p>Por lei, o cidadão deve ser informado sempre que o percentual de transgenia for superior a 1%.</p> <p><b>Fonte: Correio Braziliense.</b></p>

## Plantio da safrinha de milho começou atrasado

O clima que atrapalhou o cultivo da safra de verão também está atrasando o plantio da safrinha de milho. Levantamento da Safras & Mercado mostra que até o momento, 0,6% da área total do grão foi semeada. No mesmo período do ano passado o índice era de 3%. As chuvas, que dificultam a colheita de grãos, não deixam as máquinas entrar nas lavouras para o início da segunda safra de milho. Se o clima ajudar, o País pode colher o recorde de 16 milhões de toneladas de milho na safrinha.

"O plantio está muito inicial. Mas há indicação de preocupação porque está chovendo muito em Mato Grosso. Assim, o grão tardio ficará mais susceptível à seca e problemas de produtividade", diz Leonardo Sologuren, da Céleres. A empresa prevê uma área 7%.

De acordo com a Safras & Mercado, no Paraná, que cultiva 1,445 milhão de hectares do cereal, o plantio atinge 1%. Em Mato Grosso, que tem área estimada de 1,659 milhão de hectares, o plantio está 2% completo. **A área estimada no Centro-Sul do Brasil para o cultivo de milho safrinha na temporada é de 4,570 milhões de hectares, 1,46% superior à do ano passado.** Mas, segundo os dados do Departamento de Economia Rural da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Deral), a diferença entre o ano passado e o anterior é ainda maior. O agrônomo Otmar Hubner diz que o último relatório do departamento mostra plantio de 7% da área, nesta mesma época de 2007 eram 19%. "Ainda não há preocupação porque tem umidade e deve avançar o plantio", afirma. O Deral espera um cultivo de 1,6 milhão de hectares, 11% a mais que o registrado no ano passado.

O analista Fábio Turquino Barros, da AgraFNP, lembra que em Mato Grosso o plantio da safrinha está ocorrendo à medida que se consegue colher a soja - devido ao excesso de chuva. Mas, apesar de um eventual atraso, o consultor acredita em aumento da área plantada. A previsão da AgraFNP é de incremento entre 4% a 5%. A perspectiva da Associação Paulista de Produtores de Sementes (APPS) também é de uma área cultivada maior que a do ano passado. A associação, não tem, no entanto, ainda, o levantamento de vendas de sementes.

Quanto à primeira colheita de milho, os números da Safras & Mercado são de 5%, contra 5,6% no mesmo período do ano passado. O estado com colheita mais avançada é o Rio Grande do Sul, com 32%. No Paraná são 3%; em São Paulo, 2% e em Santa Catarina, apenas 1%.

**Fonte: Gazeta Mercantil**

## O embargo à carne brasileira e a OMC

O embargo imposto pela União Européia (UE) à carne brasileira tem causado polêmicas. Uma delas refere-se à possibilidade de se reagir a essa medida junto à OMC. Afinal, temos ou não um caso?

O livre comércio é a regra na OMC. Ele é protegido por princípios como o do tratamento nacional e o da nação mais favorecida. Aplicados ao caso, estes determinam que a UE não pode exigir de produtores de outros membros da OMC mais do que pede a seus próprios produtores, nem pode tratar um determinado membro da OMC de forma menos vantajosa do que a outros membros nas mesmas condições. Eventualmente, a comprovação de que as normas adotadas pela UE possam não estar sendo aplicadas internamente ou com relação a outros membros da OMC poderia ser usada pelo Brasil em uma eventual disputa.

A OMC prevê também exceções ao livre comércio. Uma delas é a adoção de medidas em defesa da saúde humana ou animal do GATT-1994 (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio). É assim que se caracterizam as exigências de controle sanitário e rastreamento de bovinos. Estas são permitidas desde que não representem discriminação arbitrária ou barreira disfarçada ao comércio. Analisando-se o Acordo Sanitário e Fitossanitário da OMC, assim como a jurisprudência dessa organização, constata-se que essas medidas devem se basear em critérios científicos e em uma avaliação dos riscos que se pretende combater.

Além disso, elas têm de ser necessárias, cabendo ainda questionar se não haveria outras regras, menos restritivas ao comércio, que a UE pudesse implementar obtendo os mesmos resultados. Esse raciocínio deve ser seguido na hora de se avaliar se as exigências européias, inclusive as de quarentena do gado, não seriam exageradas para um país como o Brasil, em que não há casos de doença da vaca louca.

Por outro lado, a alegação de que a UE estaria limitando a 300 o número de propriedades exportadoras pode não servir de argumento. Se comprovada, configuraria a adoção de restrições quantitativas - proibidas pela OMC. Parece, contudo, que esse número está na verdade ligado a uma estimativa da capacidade de inspecionar e aprovar fazendas aptas a atender às condições especificadas. Caso se constate não haver um teto para a quantidade de fazendas que podem ser aprovadas, não se configuraria a violação às normas da OMC.

Finalmente, deve-se considerar que um eventual processo na OMC não levaria menos de um ano. Durante esse período, o embargo continuaria valendo, prejudicando nossos produtores, que perderiam dinheiro e mercado para seus concorrentes de outros países. Tudo isso tem de ser levado em conta na hora de decidir se vale a pena iniciar uma ação contra a UE. Entrar nessa briga, somente se for com a certeza de ganhar. Caso contrário, negociar continua sendo nossa melhor opção.

**Fonte : Gazeta Mercantil**